**LISTA DE EXERCICIO DE LITERATURA**

### TURMA:

# SÉRIE:2º ANO

# 3º BIMESTRE

**NOTA:**

## **DATA: / / 2015**



## **PROFESSOR (A): ADRIANO**

**ALUNO (A): Nº:**

|  |
| --- |
| ***Ode ao burguês***Eu insulto o burguês! O burguês-níquel, o burguês-burguês! A digestão bem-feita de São Paulo! O homem-curva! o homem-nádegas! O homem que sendo francês, brasileiro, italiano, é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!Eu insulto as aristocracias cautelosas! Os barões lampiões! os condes Joões! os duques zurros! que vivem dentro de muros sem pulos; e gemem sangues de alguns mil-réis fracos para dizerem que as filhas da senhora falam o francês e tocam os "Printemps" com as unhas!Eu insulto o burguês-funesto! O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições! Fora os que algarismam os amanhãs! Olha a vida dos nossos setembros! Fará Sol? Choverá? Arlequinal! Mas à chuva dos rosais o èxtase fará sempre Sol!Morte à gordura! Morte às adiposidades cerebrais! Morte ao burguês-mensal! ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi! Padaria Suissa! Morte viva ao Adriano! "�Ai, filha, que te darei pelos teus anos? �Um colar... �Conto e quinhentos!!! Mas nós morremos de fome!"Come! Come-te a ti mesmo, oh gelatina pasma! Oh! *purée* de batatas morais! Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas! Ódio aos temperamentos regulares! Ódio aos relógios musculares! Morte à infâmia! Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados! Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos, sempiternamente as mesmices convencionais! De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia! Dois a dois! Primeira posição! Marcha! Todos para a Central do meu rancor inebriante Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio! Morte ao burguês de giolhos, cheirando religião e que não crê em Deus! Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico! Ódio fundamento, sem perdão!Fora! Fu! Fora o bom burgês!...  De *Paulicéia desvairada*(1922) |
| [Mário de Andrad](http://www.horizonte.unam.mx/brasil/cruz0.html) |

1 – Sendo a Ode uma forma tradicional poética de homenagear algo ou alguém, há uma inadequação já no título desse poema. Explique por que Mário de Andrade escolheu esse título?

2 – O eu lírico rotula o burguês por meio de uma série de metáforas de caráter depreciativo. Destaque algumas dessas metáforas, explicando sua relação com o tema do poema.

3 – Que características formais se destacam no poema para torna-lo representativo do primeiro momento modernista?

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d’água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

4 – Pasárgada é o mundo da liberdade, do permitido, da realização plena dos desejos. Opõe-se diretamente, portanto, ao mundo real, cheio de proibições, de regras, de lógica e moral. Em sua lógica particular, o eu lírico afirma: “lá sou amigo do rei”. Que vantagens há nessa condição?

5 – Identifique no texto exemplos de transgressão das normas da considerada “boa conduta”.

6 – Na terceira estrofe, o poema faz menção a um conjunto de ações comuns na infância. Levando em conta os dados biográficos do autor, explique por que essas ações são supervalorizadas?

7 – Releia a última estrofe do poema de Bandeira. Nela se percebe que, ás vezes, o mundo de prazeres oferecidos por Pasárgada sucumbe. Identifique os versos que isso ocorre.

8 – Com base os três últimos versos da estrofe, identifique o elemento que se opõe à morte e se configura como saída para eu lírico.

**Poética**

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário
o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja
fora de si mesmo

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes
maneiras de agradar às mulheres, etc

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

9 - Nesse poema, Manuel Bandeira, ao mesmo tempo que propõe uma nova poética, critica a poesia tradicional, ainda vigente. Identifique as estrofes do texto em que há críticas e as que apresentam propostas.

10 – O que o poeta critica nas duas primeiras estrofes?

11 – Que movimento literário apresenta as características criticadas por Bandeira?

12 – A síntese do poema encontra-se nas duas últimas estrofes. Por que Manuel Bandeira prefere o lirismo dos bêbados, loucos e palhaços ao lirismo tradicional?

13 – Qual é, enfim, a concepção do autor acerca de lirismo na poesia moderna?

14 – Interprete a última estrofe do poema.

15 – Aponte características da primeira geração do modernismo, presentes no texto acima.

16 – O que o autor quis dizer com Lirismo Namorador, seria referência a alguma escola literária?

 *Leia o trecho abaixo da obra Vidas Secas de Graciliano Ramos:*

*Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a familia morrendo de fome, comendo raizes. Caira no fim do patio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado a camarinha escura, pareciam ratos - e a lembranca dos sofrimentos passados esmorecera.*

*Pisou com firmeza no chao gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aio um pedaco de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pos-se a fumar regalado.*

*- Fabiano, voce e um homem, exclamou em voz alta.*

*Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar so. E, pensando bem, ele nao era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presenca dos brancos e julgava-se cabra.*

*Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguem tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: - Voce e um bicho, Fabiano.*

*Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.*

*Chegara naquela situacao medonha - e ali estava, forte, ate gordo, fumando o seu cigarro de palha.*

*- Um bicho, Fabiano.*

*Era. Apossara-se da casa porque nao tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucuna. Viera a trovoada.*

*E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus prestimos, resmungando, cocando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrao aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro.*

*Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguem o tiraria dali.*

*Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raizes, estava plantado. Olhou as quipas, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraunas. Ele, Sinha Vitoria, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados a terra.*

*Chape-chape. As alpercatas batiam no chao rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os bracos moviam-se desengoncados. Parecia um macaco.*

*Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, a toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hospede. Sim senhor, hospede que demorava demais, tomava amizade a casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite.*

Nesse episódio de Vidas Secas lido, é possível extrair algumas informações a respeito da personagem Fabiano e de sua família.

17 – Que razões teriam levado Fabiano a e sua família à fazenda onde ele morava e trabalha como vaqueiro?

18 – Portanto, que tipos de problemas sociais são enfocados na obra?

19 – Que palavras do texto são típicas do português brasileiro e servem para designar elementos da paisagem nacional?

20 – Retire do texto, trechos que comprovam o zoomorfismo.

Observe este dois trechos do texto:

“*Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali.”*

*“Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano”*

21 – De que Fabiano toma consciência?

22 – Que tipo de problema social, amplamente denunciado pelo Movimento do Sem-Terra (MST) no Brasil de hoje, se verifica na base da real condição de Fabiano?

(Unicamp-SP) O excerto abaixo, de *Vidas Secas*, trata da personagem Sinhá Vitória:

Calçada naquilo, trôpega, mexia-se como um papagaio, era ridícula. Sinhá Vitória ofendera-se gravemente com a comparação, e se não fosse o respeito que Fabiano lhe inspirava, teria despropositado. Efetivamente os sapatos apertavam-lhe os dedos, faziam-lhe calos. Equilibrava-se mal, tropeçava, manquejava, trepada nos saltos de meio palmo. Devia ser ridícula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a muito. Desfeitas essas nuvens, curtidos os dissabores, a cama de novo lhe aparecera no horizonte acanhado. Agora pensava nela de mau humor. Julgava-a inatingível e misturava-a às obrigações da casa. (...) Um mormaço levantava-se da terra queimada. Estremeceu lembrando-se da seca (...). Diligenciou afastar a recordação, temendo que ela virasse realidade. (...) Agachou-se, atiçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi cair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se – e não conseguiu o que esperava. Fez várias tentativas, inutilmente. (...) Olhou de novo os pés espalmados. Efetivamente não se acostumava a calçar sapatos, mas o remoque de Fabiano molestara-a. Pés de papagaio. Isso mesmo, sem dúvida, matuto anda assim. Para que fazer vergonha à gente? Arreliava-se com a comparação. Pobre do papagaio. Viajara com ela, na gaiola que balançava em cima do baú de folha. Gaguejava: - "Meu louro." Era o que sabia dizer. Fora isso, aboiava arremedando Fabiano e latia como Baleia. Coitado. Sinhá Vitória nem queria lembrar-se daquilo.

**(Graciliano Ramos. *Vidas secas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007. p. 41-43.)**

23- Por que a comparação feita por Fabiano incomoda tanto Sinhá Vitória? Que lembrança evoca?

24 - Tendo em vista a condição e a trajetória de Sinhá Vitória, justifique a ironia contida no nome da personagem. Que outra personagem referida no excerto acima também revela uma ironia no nome?

 (Unicamp-SP) O excerto abaixo, de *Vidas Secas*, trata da personagem Sinhá Vitória:

Calçada naquilo, trôpega, mexia-se como um papagaio, era ridícula. Sinhá Vitória ofendera-se gravemente com a comparação, e se não fosse o respeito que Fabiano lhe inspirava, teria despropositado. Efetivamente os sapatos apertavam-lhe os dedos, faziam-lhe calos. Equilibrava-se mal, tropeçava, manquejava, trepada nos saltos de meio palmo. Devia ser ridícula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a muito. Desfeitas essas nuvens, curtidos os dissabores, a cama de novo lhe aparecera no horizonte acanhado. Agora pensava nela de mau humor. Julgava-a inatingível e misturava-a às obrigações da casa. (...) Um mormaço levantava-se da terra queimada. Estremeceu lembrando-se da seca (...). Diligenciou afastar a recordação, temendo que ela virasse realidade. (...) Agachou-se, atiçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi cair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se – e não conseguiu o que esperava. Fez várias tentativas, inutilmente. (...) Olhou de novo os pés espalmados. Efetivamente não se acostumava a calçar sapatos, mas o remoque de Fabiano molestara-a. Pés de papagaio. Isso mesmo, sem dúvida, matuto anda assim. Para que fazer vergonha à gente? Arreliava-se com a comparação. Pobre do papagaio. Viajara com ela, na gaiola que balançava em cima do baú de folha. Gaguejava: - "Meu louro." Era o que sabia dizer. Fora isso, aboiava arremedando Fabiano e latia como Baleia. Coitado. Sinhá Vitória nem queria lembrar-se daquilo.

**(Graciliano Ramos. *Vidas secas*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007. p. 41-43.)**

25 - Por que a comparação feita por Fabiano incomoda tanto Sinhá Vitória? Que lembrança evoca?

26 - Tendo em vista a condição e a trajetória de Sinhá Vitória, justifique a ironia contida no nome da personagem. Que outra personagem referida no excerto acima também revela uma ironia no nome?

27 - A partir dos excerto acima, faça um levantamento de características da personalidade de Fabiano.

28 - No Modernismo Brasileiro, destaca-se como segunda fase o Romance Regional de 30. Explique a participação de Graciliano Ramos nesta fase da literatura moderna.

29 - Em uma determinada parte do texto, o personagem Fabiano se compara a um animal. Essa comparação lembra um procedimento de outro movimento literário, que também enfocou as relações entre homem e o meio natural e social. Qual é esse movimento?

30 - Com base no estudo de texto feito, conclua de modo geral como se caracteriza o Regionalismo de 30?

*Leia o trecho abaixo da obra Vidas Secas de Graciliano Ramos:*

*Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a familia morrendo de fome, comendo raizes. Caira no fim do patio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado a camarinha escura, pareciam ratos - e a lembranca dos sofrimentos passados esmorecera.*

*Pisou com firmeza no chao gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aio um pedaco de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pos-se a fumar regalado.*

*- Fabiano, voce e um homem, exclamou em voz alta.*

*Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar so. E, pensando bem, ele nao era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presenca dos brancos e julgava-se cabra.*

*Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguem tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: - Voce e um bicho, Fabiano.*

*Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.*

*Chegara naquela situacao medonha - e ali estava, forte, ate gordo, fumando o seu cigarro de palha.*

*- Um bicho, Fabiano.*

*Era. Apossara-se da casa porque nao tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucuna. Viera a trovoada.*

*E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus prestimos, resmungando, cocando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrao aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro.*

*Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguem o tiraria dali.*

*Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raizes, estava plantado. Olhou as quipas, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraunas. Ele, Sinha Vitoria, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados a terra.*

*Chape-chape. As alpercatas batiam no chao rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os bracos moviam-se desengoncados. Parecia um macaco.*

*Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, a toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hospede. Sim senhor, hospede que demorava demais, tomava amizade a casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite.*

31 – Que palavras do texto são típicas do português brasileiro e servem para designar elementos da paisagem nacional?

32 – Retire do texto, trechos que comprovam o zoomorfismo.

 Macunaíma é um índio negro. Entretanto em outro capítulo da obra, depois de banhar-se em uma lagoa, magicamente, ele fica branco; um seu irmão, por usar a mesma água depois, fica com a pele avermelhada; e o outro, só consegue tornar branca a sola do pé e das mãos. Essas considerações têm valor simbólico.

1. - Identifique esses objetivos e marque no texto a expressão que os comprova.
2. - Redija um pequeno texto explicitando as conclusões a que se pode chegar.

Leia o texto do poeta Manuel Bandeira.

**NOVA POÉTICA**

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.

Poeta sórdido:

Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito,

Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada, e na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe o paletó ou a calça de uma nódoa de lama:

É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:

Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Sei que a poesia é também orvalho.

Mas este fica para as menininhas, as estrelas alfas, as virgens cem por cento e as amadas que envelheceram sem maldade.

Disponível em: [www.revistaeutomia.com.br](http://WWW.revistaeutomia.com.br). Acesso em 05 nov. 2011.

1. - O poeta Manuel Bandeira, no texto “Nova Poética”, apresenta a concepção de poesia na 1ª fase modernista. Redija um pequeno texto explicitando-a.
2. Enumere três características formais do poema.
3. Na coluna 1, estão listados algumas características da obra de Adélia Prado, poetisa mineira contemporânea. Na coluna 2, estão transcritos alguns versos da autora. Numere a coluna 2 relacionando-a à coluna 1.

**I.**

**Coluna 1**

A – Coloquialismo.

B – Metalinguagem.

C – Paisagem provinciana.

D – Sensorialismo.

**Coluna 2**

( ) *Ao entardecer no mato, a casa*

*Entre bananeiras, pés de manjericão e cravo-santo,*

*Aparece dourada.*

( )*Me consola, moço,*

*Fala uma frase, feita com meu nome.*

( ) *Um trem-de-ferro é uma coisa mecânica,*

*mas atravessa a noite, a madrugada, o dia,*

*atravessou minha vida,*

*virou só sentimento.*

( ) *Assim que escurecer vou namorar.*

*Que mundo ordenado e bom!*

*Namorar quem?*

*Minha alma nasceu desposada*

*com um marido invisível.*

( ) *Quando dói, grito ai,*

*quando é bom, fico bruta.*

*As sensibilidades sem governo.*

*Mas tenho meus prantos,*

*claridades atrás do estômago humilde*

*e fortíssima voz pra cânticos de festa.*

1. **II.** Transcreva para as lacunas partes do texto que comprovem as respostas dadas ao item I.

 O AUTOMÓVEL ATROPELA O PÉGASO

 *Longe vão os tempos em que Olavo Bilac, o poeta sagrado, intocável, encarnação da Musa Perfeita, passeia ao lado de José do Patrocínio, pelas ruas do Rio de Janeiro, no primeiro automóvel que ali aparecera, e que fora adquirido pelo orador abolicionista, deixando toda a população embasbacada e os moleques das ruas em grande agitação, porque, de vez em quando, o “ monstro” encrencava – e era preciso empurrá-lo...*

 *Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, o príncipe dos poetas parnasianos, mal sabia que aquele automóvel “feio, amarelo, aos trancos e solavancos pelos calçamentos cheios de altos e baixos, largando atrás o cheiro insuportável de petróleo”, mais do que um brinquedo pitoresco, era simbolicamente o grande inimigo e viria atropelar o alado e soberbo Pégaso. Não sonhara o cantor de Frinéia* *que o antiestético veículo era o Cavalo de Tróia* *no reduto parnasiano e representava o mundo mecânico – mundo que o Modernismo cantaria, glorificaria e temeria, conseqüência dele que era.*

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro*.

**Vocabulário**: Pégaso: cavalo alado da mitologia grega. Era fruto da união entre Netuno e Medusa. Foi transformado pelos deuses em constelação. Frinéia: título de obra parnasiana feita pelo poeta Olavo Bilac. Cavalo de Tróia: imenso cavalo de madeira,feito pelos gregos. Foi recheado de soldados armados antes de ser enviado como presente ao inimigo troiano. O objetivo era surpreender o adversário e, consequentemente, vencê-lo.

1. - Indique duas razões para o automóvel ser denominado de “monstro”.
2. Identifique quais movimentos artísticos citados no texto são representados, metaforicamente, pelos substantivos “automóvel” e “Pégaso”.